

SEXTA-FEIRA, 13

Foi na tarde de um domingo preguiçoso que perguntei ao Raimundo, aquele caçara pescador conhecido de todos, se alguma vez havia passado por um grande aperto longe da costa. Sua resposta veio de pronto. “Já sim, seu doutor. Certa noite chuvosa, meu velho barco enguiçou e eu não pude pedir socorro porque havia deixado o celular em casa. Aí a chuva aumentou e o mar ficou muito agitado. Fiquei com medo que o barco virasse. Sorte que outro pescador meu amigo, que também voltava com medo da tempestade, me encontrou e vendo que eu estava em dificuldade, deu um jeito de rebocar o barco. Nunca mais saio para pescar em sexta-feira, 13. Dá um bruto de um azar’.

Raimundo não é a única pessoa que alimenta essa superstição, cuja origem é um tanto nebulosa. No Cristianismo, fala-se que é porque na última ceia estavam 13 pessoas e que Jesus foi crucificado em uma sexta-feira. Na Mitologia Nórdica, lembra-se que foi em um banquete com 13 deuses que teria ocorrido a morte de um deles. Também foi em uma sexta-feira, 13, nos primórdios do século XIX, que o Rei da França ordenou a prisão dos Cavaleiros Templários, a Ordem Militar católica conhecida por usar mantos brancos com uma grande cruz vermelha estampada. Outra explicação vem da Numeralogia, em que é o 13 que quebra a “harmonia” de serem 12 os meses do ano, 12 os signos astrológicos e 12 os apóstolos de Jesus. Cada um fique com a explicação que lhe

pareça mais razoável, ou tire de cada uma delas, como eu próprio faço, a explicação de que o sexto dia da semana, ou seja, “sexta-feira”, quando coincide com o décimo terceiro dia do mês, ou seja, “13”, constitui, por razões várias, uma combinação que dá azar. Pura superstição, sem dúvida alguma.

Superstição, vale lembrar, é uma crença sem qualquer base científica, transmitida de geração em geração. Há muitas dessas crendices no Brasil, como “quebrar um espelho”, que pode trazer sete anos de azar. Se alguém “passar debaixo de uma escada”, então, o dia todo terá um azar danado; pelo sim pelo não, é melhor não passar mesmo. Mas se você “abrir um guarda-chuva dentro de casa”, com certeza atrairá muitos fluidos ruins. Não me pejo de dizer que eu mesmo, para afastar mau olhado, já “bati três vezes na madeira”; não que acreditasse nisso, mas por simples pilhéria. Há quem acredite igualmente que estar com a “palma da mão esquerda coçando”, é sinal de que bastante dinheiro vai chegar. “Orelha quente”, então, é indício inequívoco de alguém estar falando mal de você. E como é poético encontrar no jardim de casa um “trevo de quatro folhas”, sinal de sorte o dia todo.

Não é que acreditar em qualquer dessas superstições vá trazer o resultado objetivo indicado. Subjetivamente, contudo, o crente pode de tal forma suggestionar-se, que acaba atraindo, pelo pensamento, esse resultado. O Raimundo, que não sai mais para pescar em sexta-feira, 13, é uma dessas pessoas.

Pois foi com Erasmo que, no último fim de semana, troquei ideias a respeito de superstições em geral, o que nos fez dar gostosas risadas sobre o inusitado de algumas delas. Mas no fim, após bebericarmos um gostoso vinho espanhol, acompanhado de salgadinhos, ele pontificou: “Amigo Viganó, as superstições podem até serem vistas como episódios folclóricos de uma nação. Nenhuma delas, porém, traz efetivamente sorte ou azar, uma vez que são as leis naturais que determinam as consequências tanto dos eventos externos, quanto de nossos atos. Somos mais ou menos livres para agir, ainda que certos resultados não dependam diretamente de nós. É como se estivéssemos dentro do vagão de um trem em movimento, no qual podemos permanecer sentados, ficar de pé, andar e fazer uma porção de coisas. Mas não podemos de forma alguma mudar a direção do trem”.

Caros leitores e estimadas leitoras, vocês sabem o que Erasmo quis dizer com isso? Acaso já ouviram falar em livre arbítrio e determinismo?

Viganó
darly.vigano@gmail.com